

## Capítulo XXXIV - UMA MENSAGEM DIVINA NÃO PODE SER EM VÃO

A sugestão que a mulher me propôs quando nos encontramos na porta do necrotério improvisado estava tomando uma dimensão maior na minha mente. A reflexão que fiz a respeito de como aquele encontro aconteceu, criou um novo ânimo. Certamente, calcado na esperança de ter um final feliz, eu ampliava a conclusão de que o surgimento da mulher à minha frente foi uma mensagem divina para que eu não esmorecesse na minha busca por Ana com vida.

Com essa mais recente dose de otimismo, fui passando entre pessoas e carros que se amontoavam no píer do Iate Clube, sem me dar conta das precauções que deveria tomar para não ser atropelado por um veículo em manobra rápida ou derrubado por uma pessoa que estivesse correndo para atender a uma emergência.

Após constatar que o acúmulo de pessoas não ocupava uma área tão extensa, cheguei à portaria do clube e me deparei com um ambiente bem controlado pela polícia. Naquele momento, o fluxo de carros, entrando e saindo do Iate, não parecia se constituir em problema grave, estando administrado com eficiência.

Não demorou muito para que eu percebesse que teria dificuldades para encontrar um táxi desocupado, principalmente pelo fato de ser uma noite especial e pelo horário, que já varava a madrugada. Além disso, o trânsito quase sempre é menos denso na região, porque o Iate Clube fica localizado próximo ao acesso ao bairro da Urca, sabidamente um “canto” da Cidade e com predominância de residências, exceto o acesso ao Pão de Açúcar.

Por outro lado, com as minhas roupas ainda molhadas, havia um sério risco de eu ser rejeitado pelo motorista, caso surgisse um táxi. Sem contar que a corrida seria muito curta, pois o Sol & Mar estava distante cerca de quinhentos metros dali.

## Capítulo XXXIV - UMA MENSAGEM DIVINA NÃO PODE SER EM VÃO

Diante dessas circunstâncias, concluí que a melhor opção seria ir a pé, em linha reta, pela Avenida Pasteur. Se eu estivesse descansado, essa distância seria facilmente superada. Mas, nas condições físicas em que eu me encontrava, a caminhada representava mais um desafio a ser ultrapassado naquela noite.

Logo no início do percurso, me deparei com um problema: as copas das frondosas árvores da avenida impediam que a iluminação dos postes chegasse à calçada, formando, então, sombras traiçoeiras. E para piorar a situação, as raízes grossas das antigas árvores forçavam o piso de baixo para cima, tornando-o muito irregular no pequeno espaço para os pedestres se locomoverem, entre os troncos e o muro alinhado à longa lateral do Iate. Para tornar as dificuldades ainda mais acentuadas, eu estava sem óculos, fato que comprometia a necessária identificação do caminho à minha frente.

Decidi, então, andar pelo asfalto, próximo ao meio-fio, minimizando o risco de uma possível queda, caso continuasse na calçada. No entanto, o meu grau de ansiedade começou a aumentar subitamente, impulsionado pelo desejo, agora intenso, de checar, o mais rápido possível, a última oportunidade real de me encontrar com Ana.

Coerente com a recente predominância de otimismo no meu estado de espírito, logo após os primeiros passos na rua, entendi que demoraria um tempo longo para chegar ao restaurante, de acordo com a avaliação naquele momento, que levava em consideração a minha angústia. Decidi correr, mesmo em ritmo de trote, para acelerar o término do desafio.

Como havia a possibilidade dos sapatos e meias, ainda úmidos, causarem bolhas nos pés, achei mais prudente retirá-los e carregar nas mãos. Para liberá-las totalmente, e a despeito da combinação do calor com a umidade que era elevada na madrugada, preferi vestir a camisa, sem abotoá-la, pois, a havia tirado quando comecei a transitar pelo píer, enquanto me dirigia para a portaria do Clube.

## Capítulo XXXIV - UMA MENSAGEM DIVINA NÃO PODE SER EM VÃO

Mantendo o ritmo da corrida, mesmo cansado, cheguei rapidamente à entrada do Sol & Mar e estranhei a baixa movimentação de pessoas, embora a porta principal estivesse aberta. Imediatamente, acessei o amplo salão do restaurante e me deparei com um cenário melancólico.

Observando a decoração que ainda permanecia no teto e nas paredes, pude perceber que tinha ocorrido uma festa de réveillon que, certamente, foi interrompida com a chegada da notícia a respeito do naufrágio do Bateau Mouche. Naquele momento, poucas pessoas ainda se encontravam no salão, mas, mesmo assim, era muito difícil identificá-las, porque as luzes que permaneciam acesas eram de luminárias auxiliares, de baixa intensidade, localizadas nos cantos do ambiente.

Silenciosamente, comecei a me deslocar entre as mesas na expectativa de identificar Ana usando o seu vestido azul. Embora algumas pessoas estivessem com as roupas molhadas, cobertas com toalhas das mesas, a minha busca no salão estava chegando ao fim, sem sucesso.

Como aquela era a última oportunidade para encontrar a minha namorada, e temendo não ter passado por todos que estavam no salão, considerei mais prudente refazer o percurso. Mas, ao término dessa volta, tornou-se inevitável concluir que Ana não estava ali.

Decepcionado por sentir o meu otimismo mais uma vez ser derrotado pela dura realidade, me dirigi para a porta de entrada do restaurante com o objetivo de pensar o que faria em seguida. E, diante do insucesso que acabara de vivenciar, a cobrança em relação ao futuro diálogo com os pais de Ana, para comunicar a sua morte, começava a transitar na minha mente, de novo.

Olhando para a rua, encostei-me no portal e iniciei uma reflexão a respeito do meu nível de frustração. Afinal, o inusitado encontro com a mulher que eu salvara duas vezes, revestiu-se de um significado especial, como se uma mensagem divina fosse. Eu a incorporei totalmente no meu ânimo, a ponto de vir correndo até o restaurante, seguindo a sugestão que ela tinha proposto. Para mim, havia, então, uma forte contradição em relação ao insucesso na busca por Ana no restaurante, porque tudo o que foi dito durante a emotiva conversa no píer do Iate Clube não poderia ter sido em vão.

## Capítulo XXXIV - UMA MENSAGEM DIVINA NÃO PODE SER EM VÃO

Eu estava propenso a iniciar o meu retorno ao Clube para visitar o necrotério, quando reparei em três jovens sentadas em um banco de madeira à direita, logo à minha frente. Todas tinham os cabelos molhados e cada uma usava uma toalha de mesa nos ombros. Elas conversavam em voz baixa e, aparentemente, não notaram a minha presença, mesmo estando próximo a elas.

Diante do claro sinal de que eram náufragas, o meu olhar se deteve com mais atenção nas moças, e identifiquei que uma delas era justamente a filha carinhosa que abraçava com muito afeto o pai no convés do Bateau Mouche, no início da festa. Uma linda cena que havia chamado a minha atenção.

Até aquele momento, e desde que saí do mar, resgatado pelo Casablanca, por estar abalado pela ausência de Ana, eu não tinha iniciado um diálogo com nenhuma pessoa. Nas poucas conversas que travei, foram os meus interlocutores que tomaram a iniciativa de me abordar. Mas ali, vivendo mais uma frustração, um impulso totalmente diferenciado e, em certo ponto, inexplicável, alterou o meu comportamento e decidi dirigir uma pergunta à jovem sobrevivente que eu reconhecera.

Teria sido, novamente, a vontade de Deus corrigindo o meu destino e me preparando para vivenciar um verdadeiro milagre nos minutos seguintes?

